

COMEMORANDO MEDELLIN. TRINTA ANOS DEPOIS...

1. SITUANDO A CONVERSA...

1.1. Valor da Conferência.

Até nossos dias, as luzes que se acenderam naquela histórica e maravilhosa Conferência Episcopal de Medellin, refletem seus raios em nossa caminhada eclesial. Um marco fundamental da Igreja latino-americana. Uma Igreja viva e operante, que despertava-se de forma radical para um novo tempo: a fé viva em Jesus da Libertação. Esta fé levava a opções concretas e conseqüentes, em favor de todo um povo oprimido de um continente maltratado e vilipendiado. Assemelhava-se a uma mineração de carvão, de onde se extrai a riqueza, se revira suas entranhas, se destrói suas superfícies e se abandona para sempre.

Pastores e seu povo assumem uma postura crítica perante a realidade, buscando necessariamente novos métodos de evangelização, crendo profundamente que a fé cristã, se verdadeira e não ópio do povo, deveria transformar a realidade. Assim, o Evangelho, fonte inesgotável da ação humana no seio social, torna-se a munição desta revolução do amor cristão que assume as misérias humanas não de forma meramente assistencial, mas buscando respostas para as crises de valores da sociedade.

Dom Helder Câmara, um dos luminares desta caminhada, lamenta que *“se ofereço um pedaço de pão para um pobre, dizem que sou santo; mas se questiono porque o pobre passa fome, dizem que sou subversivo”*. Para além de oferecer o pão, o que a comunidade jamais deixou de fazer, começou-se a questionar a razão de tanta miséria, num continente de imensas riquezas naturais, culturais e humanas.

1.2. Apresentando a pesquisa

Considerando a importância deste evento, um grupo trabalhando em mutirão, usando como metodologia um seminário, propõe-se à escavação da preciosa mina de Medellín. Foi trabalho realizado com empenho e dedicação, cientificidade e criatividade.

Começou-se com a exploração do terreno, através de uma pesquisa genérica dos acontecimentos civis e eclesiais das décadas de 50 e 60. Entendemos por elementos civis, os fatos ligados à realidade política, social, econômica e cultural deste período. E por elementos eclesiais entendemos os fermentos e eventos que estavam presentes na caminhada da Igreja universal e latino-americana, como interação (causa ou consequência) destas realidades que baluçavam o mundo ocidental naqueles anos, dourados no início e de chumbo logo depois.

A primeira parte deste trabalho tratará do cenário que foi o palco vivo da Conferência de Medellín. Dividida em duas áreas (cenário civil e cenário eclesial), destacaremos os eventos que influenciaram ou provocaram a realização desta Conferência e que possibilitaram ou exigiram sua encarnação na vida da Igreja latino-americana. Numa segunda parte, faremos uma “exegese-teológica” dos escritos de alguns expoentes da Conferência de Medellín. São muitos os que se destacaram dentre os pastores da Igreja Católica, mas tivemos que realizar uma seleção, buscando nomes que fossem conhecidos e tivessem deixado um legado escrito de fácil acesso bibliográfico. Apresentaremos brevemente os pastores e faremos depois uma análise de seus escritos, compondo um texto teológico, a partir dos temas mais emergentes na reflexão daquele período. Este trabalho será uma espécie de “patrologia de Medellín”, reconhecendo tais pastores-teólogos como verdadeiros “Padres da Igreja” de nossos tempos.

2. CONHECENDO A HISTÓRIA

Apresentamos os principais eventos que permeavam os tempos da Conferência de Medellín, que têm uma relação imediata com sua realização. Alguns destes eventos constituem fatos ou acontecimentos, outros representam ideologias que provocaram os acontecimentos sociais e eclesiais dentro da Igreja. Não trataremos de fatos limitados em datas ou lugares específicos, mas dentro de um contexto muito maior, a nível mundial e, preferencialmente, a nível de nosso continente. Nas décadas de 50 e 60, percebe-se, de fato, uma clara maturação dos tempos políticos, com definições claras das ideologias que marcariam, por décadas, o cenário mundial. Ocorrem rupturas significativas, referentes às culturas, comportamentos e organização social.

1. Truman, o trigésimo terceiro presidente dos EUA, governou de 1945 a 1953. Eleito vice-presidente em 1944, assumiu a presidência após a morte de Roosevelt, em 12 de abril de 1945. Foi eleito para um segundo mandato em 1948. Ele tomou posse num dos momentos mais críticos da história norte-americana. A Segun-

da Guerra Mundial ainda não fora vencida e os planos para a criação da Organização das Nações Unidas haviam apenas iniciado. Durante as primeiras semanas de seu governo, os aliados conquistaram a vitória na Europa. Foi Truman quem tomou a decisão de utilizar a nova bomba atômica contra o Japão, para acabar com a Segunda Guerra Mundial (Cf. *Enciclopédia Delta Universal*. Rio de Janeiro, Delta, 1980. vol. 14, p. 7743).

2. ONU, Organização das Nações Unidas, foi instituída em 24 de outubro de 1945, logo depois da Segunda Guerra Mundial. É composta por 151 nações que trabalham pela paz mundial, segurança e bem-estar da humanidade (Cf. *ibidem*, vol 10, p. 5563).

3. Em 5 de junho de 1947, num discurso na Universidade de Harvard, o general George C. Marshall, então secretário de Estado norte-americano, lançou o plano que tomou o seu nome. O plano Marshall foi anunciado como um esforço dos EUA para reerguer toda a Europa castigada pela guerra, incluindo a URSS e demais países comunistas. Caberia aos europeus planificar sua recuperação econômica e apresentar a estimativa dos recursos financeiros a serem fornecidos pelos EUA. Entretanto, a URSS negou-se a participar e forçou o recuo da Polônia e da Checoslováquia, que haviam decidido aderir ao plano (Cf. *ibidem*, vol. 9, p. 5118).

4. A OTAN, Organização do Tratado do Atlântico Norte, é um comando militar unificado para defesa comum de 15 nações ocidentais. Foi fundada em 1950 pelas Nações Aliadas do Tratado do Atlântico Norte, o qual promovia a sua defesa coletiva contra um possível ataque da URSS ou outro agressor qualquer. O artigo 5º estabelece que um ataque armado contra um ou mais dos países-membros, na Europa ou na América do Norte, será considerado como um ataque contra todos os membros (Cf. *ibidem*, Vol. 11, p. 5942).

Situar estes eventos é necessário, pois somente a partir destas premissas se poderá compreender a força e o impacto da Conferência de Medellín.

2.1. Um pouco da história no mundo civil

O mundo ocidental padecera enormemente na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Definiam-se blocos de lutas ideológicas e políticas e respiravam-se ares de derrota e desilusão, testemunhos de frustração perante a busca de soluções por meios bélicos. A sociedade tinha que se reconstruir, gerar novos valores e, mesmo assim, conviver com os fantasmas dos poderes emergentes a partir do conflito mundial. Todos os acontecimentos socio-políticos vão refletir esta realidade que se apresenta como “pano de fundo” para os governantes e os intelectuais emergentes. Este contexto de base vai gerar os novos fatos dentro da história nestas décadas.

2.1.1. A guerra fria

Este termo foi cunhado em 1947 por Bernard Baruch, estadista norte-americano. Define a crescente tensão existente entre os Estados Unidos da América (EUA) e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), anteriores mesmo à Segunda Guerra Mundial.

A guerra-fria, garantiu a “paz” entre as duas potências, mas foi sangrenta em seus “satélites políticos”. Este período marcou a corrida armamentista entre o bloco oriental comunista e o bloco ocidental capitalista, com o desenvolvimento das armas nucleares. Testemunham esta corrida, a Guerra da Coreia (1950-1953), do Vietnã (1961-1975), e do Afeganistão (1979-1989), entre tantas, ao revelar a disputa de espaço político, econômico e ideológico das duas grandes potências, que tiveram seu cisma no final da guerra, dividindo a Alemanha (citamos o muro de Berlim) em dois blocos e dominando países mais próximos. Depois, seguir-se-ia a disputa por novos territórios.

Anunciado pelo presidente Truman¹ (11.03.1947) e servindo-se da força militar da ONU,² os EUA, em nome da paz mundial e da dignidade humana, militarizam todo país ameaçado pela ideologia comunista, propagada pela URSS. Assim, para a Europa instável e com desempregos altíssimos, os norte-americanos criam o Plano Marshall³ injetando grande soma de dinheiro (13 bilhões de dólares em 4 anos) para evitar a vitória dos partidos comunistas em grande ascensão. Do mesmo modo, a partir dos anos 50 todos os países da OTAN⁴ rearmam-se em grande escala a fim de buscar um equilíbrio com o Leste Europeu.

Era eminente a passagem da guerra fria para a guerra nuclear (salientamos a entrada de mísseis soviéticos em Cuba – comunista desde 1959 — em outubro de 1962). Gerou-se, no nível econômico, o crescimento das fábricas de armas e o avanço tecnológico bélico e, no nível cultural, a “síndrome do temor”, de que a guerra fria se esquentasse e destruísse, de um momento a outro, toda a população ocidental.

2.1.2. Ditaduras militares: a reação imperialista

As décadas de 50 e 60, geram situações que estão na base das decisões de Medellín, toda a América Latina é transpassada por ditaduras militares, produzidas pelo modelo anti-insurrecional e de Segurança Nacional proposto por Kissinger, Henry Ford⁵ e Richard Nixon⁶ e, para a manutenção do sistema socio-econômico capitalista. Algumas datas-chave do início dos regimes ditatoriais são: golpe de estado em 31 de março de 1964 no Brasil (Castelo Branco); em 21 de agosto de 1971 na Bolívia (Hugo Banzer); em 27 de junho de 1973 no Chile (Augusto Pinochet); em 28 de agosto de 1975 no Peru (F. Morales Bermúdez); em 13 de janeiro de 1976 no Equador (G. Rodríguez Lara); em 24 de março de 1976 na Argentina (Jorge Videla), entre os principais.

As ditaduras militares asseguram a sobrevivência do sistema político conivente com o sistema capitalista, protegido pela ideologia da segurança nacional e do nacionalismo, criando bases legais como atos institucionais, nomeação de bispo para General de Exército (Colômbia), e sistemas denominados “operação Limpeza”, visando jogar na clandestinidade as oposições socio-políticas e extinguir as forças contrárias aos seus regimes.

A Igreja tenta reagir, colocando-se ao lado do povo e arriscando seus privilégios mais significativos. Destacamos alguns casos de resistência, como Dom Hélder Câmara (na Igreja do Brasil) que é o profeta da denúncia contra o golpe de 64, D. Carlos Parteli (na Igreja do Uruguai) que apoia a resistência dos tupamaros, enquanto seu episcopado fala de um “esforço de reconciliação” entre o parlamento e a Igreja, a Igreja no Peru que apoia os atos reformistas, fundamenta a opção pelos pobres, a partir da Teologia da Libertação; e o episcopado mexicano que marca sua opção pelas classes populares e suas lutas. Dom Arturo Llonja exprime esse processo ao afirmar que “Por todas as partes, o caminho não se faz sem conflitos”. Igualmente, a Igreja da Nicarágua apoia os sandinistas com Dom Obando y Bravo (1972) que afirma: “A socialização avança a grandes passos na América Latina e deve realizar-se em todos os níveis”⁷. Surgem os movimentos chamados “Delegados da

5. Henry Ford foi presidente norte-americano de 1963 a 1969. Escreveu algumas obras conhecidas como “*Hoje e amanhã*” (1927), em português pela Editora Nacional; “*Minha vida e minha obra*” (1926); “*Os princípios da prosperidade*” (1964).

6. Richard Nixon foi presidente dos EUA de 1969 a 1975. Renunciou por pressão do famoso escândalo de WATERGATE, quando se deu a retirada dos norte-americanos do Vietnã (1973).

7. Cfr. *Informations Catholiques Internationales* (L'Actualité Religieuse dans le Monde), n. 406, 15.4.72, p. 26.

Palavra” que denunciam as ditaduras na Guatemala e Honduras. Temos, em contrapartida, a postura da Argentina e do Chile justificando a ação militar numa linha conservadora.

No México a resistência deu-se por meio do compromisso com as “Comunidades Eclesiais de Base”, na Guatemala e Honduras com o movimento “Delegados da Palavra”, na Nicarágua com o Movimento Sandinista, na Colômbia pela guerrilha do ELN (Exército de Libertação Nacional), no Uruguai com o Movimento Tupamaro, no Brasil com movimentos artísticos, estudentis, operários e outros.

Grandes setores da Igreja, entre pastores, religiosos, religiosas e leigos resistiram aos ataques militares, os quais provocaram a aniquilação dos movimentos guerrilheiros, a apropriação pelos Estados dos meios de comunicação social, muitas censuras, exílios, prisões, torturas, mortes, efeitos psicossociais, revoltas populares, confronto entre Igreja e Estado, reuniões clandestinas dos ‘subversivos ao governo’ e para o futuro o endividamento de toda a América Latina.

2.1.3. *Revoluções socialistas: as contestações*

Medellin é gestado durante vários anos, mas seu período prévio áureo é o ano de 1968, com diversos eventos preparatórios. Esse ano de 1968 é um ano emblemático para o mundo ocidental e mesmo para o mundo oriental. Devido à crise de valores e da cultura, vem-se eclodir os movimentos de contestação como a agitação racial, a juvenil e a estudantil.⁸

Num período anterior, surgem revolucionários que se confrontam com o modelo imperialista norte-americano que impunha ditadores autóctones na defesa dos interesses capitalistas. Aparecem como uma utopia de superação dos dramas sociais. Lembramos a revolução castrista, destacando a figura de Ernesto Che Guevara, que derrubou o ditador Batista, que governava por meio de corrupção impune, com evidente incompetência administrativa, numa irresponsabilidade fiscal e com desrespeito aos direitos humanos, especialmente do povo afro em Cuba. Aparecem outros movimentos guerrilheiros com o objetivo de derrotar as ditaduras militares, realizar a reforma agrária e a alfabetização das massas populares desvinculadas do imperialismo norte-americano: as “repúblicas socialistas” dos camponeses na Colômbia, (são mortos Gaitan, líder liberal e o Padre Camilo Torres que afirma: “*a violência camponesa é por falta de divisão no trabalho, isolamento social, conflitos com extra-grupos, sentimento de inferioridade, falta de mobilidade, agressividade latente, sectarismo político*”⁹), o Movimento Nacional Revolucionário (MNR) na Bolívia, destruído pelo general sanguinário René Barrientos, o Movi-

8. Destacamos a agitação racial nos EUA, o protesto contra a política externa no Sudeste Asiático, a revolução estudantil, que marcou o final do “gaulismo” na França, a invasão militar socialista na Tchecoslováquia, entre outros. Cfr. ALMANAQUE MUNDIAL, *História antiga e moderna*, 1974, pp. 184-201

9. CIDOC, *Publicación Pastoral*, cuaderno 56, Santiago/Chile, 1970, p. 255.

mento de Libertação Nacional na Guatemala, bombardeada pelos EUA (18.06.1954). Surge neste período a Nova Organização Anti-comunista (NOA), que destrói o grupo guerrilheiro CADEG, matando 2880 intelectuais. Outras revoluções nacionais surgem na década posterior, como a Revolução Nicaraguense (contra o governo ditatorial de Somoza, no poder desde 1936) liderada pela Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN), bem como a Guerra Salvadorenha, liderada pelo movimento guerrilheiro Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional, e, na Argentina e no Chile, onde, por meio de golpes militares são desmobilizadas cruelmente as lutas populares pelos direitos civis.¹⁰

Não podemos esquecer da “gloriosa revolução”, que foi a máscara usada pelos militares no Brasil, para maquiagem o golpe militar de março de 1964.

10. Enrique DUSSEL, *De Medellín a Puebla: Uma década de Sangue e Esperança*. vol. 2: De Sucre à crise relativa do neofascismo. São Paulo, Loyola, 1982, p. 481.

2.1.4. A Revolução Cultural: ruptura axiológica

A década de 60 é considerada a década da contestação e da imaginação marcada pelo inconformismo, pela crítica à sociedade de consumo, pela recusa dos modelos anteriores, pela busca de maior liberdade com a intenção de provocar a não acomodação e não alienação.

A música rock, tendo como símbolo o “maio francês” e outras expressões artístico-culturais, manifestava a inquietação social juvenil. Revelavam-se nas artes: no cinema temos Bergman e Buñuel, no teatro a “estética da agressão”, na literatura o ilogismo e as narrativas sem enredo, e, nas músicas dos Beatles, Rolling Stones ou Bob Dylan a revelação dos valores da contracultura. Os hippies tornaram-se um estilo de vida, ostentando o símbolo “paz e amor”. No meio universitário surge a ‘nova esquerda’.

O movimento “underground” aparece nos anos 60 liderado por Martin Luther King (pastor luterano nos EUA), seguido do “Gay Power”, e do “Women’s Lib”. Pregavam a desobediência civil e a não-violência. Tais movimentos foram os grandes protagonistas que desencadearam revoluções. Foram mais sociodramas do que revoluções, mas questionaram profundamente a sociedade estabelecida e destruíram a consciência ingênua das burguesias. Este emaranhado riquíssimo de eventos e mentalidades vai fecundar a Conferência de Medellín que representará o posicionamento da Igreja perante esta realidade histórica do continente latino-americano.

2.2. Um pouco da história no mundo eclesial

Depois de longos anos numa espécie de exílio e de ruptura com a sociedade civil, particularmente como rejeição aos mo-

vimentos modernistas — na cultura, na política e na vida social — a Igreja procura estar mais atenta aos acontecimentos que vão fermentando as mentalidades na década de 50 e, particularmente, nos anos 60. Todos os fatos que permeiam a vida humana, passam a refletir-se nos vários setores da Igreja, que por sua vez, procura entrar em diálogo com estas realidades e dar respostas atualizadas, para que a prática religiosa não se restrinja a guetos, enclausurados em relação ao mundo.

Alguns eventos marcaram profundamente a vida eclesial deste período e estão em relação intrínseca com o evento celebrado em Medellín. O relato sucinto destes fatos servirá para descrever o contexto da Conferência que se deu em terras colombianas.

2.2.1. Concílio Vaticano II: interação Igreja-mundo

O Concílio Vaticano II, inaugurado pelo Papa João XXIII (11.10.1962) e concluído pelo Papa Paulo VI (08.12.1965), tem uma dimensão pastoral cujo objetivo é transmitir aos homens e mulheres contemporâneos o mistério de Cristo, presente na Igreja, para a transformação da sociedade e esperança para toda a humanidade, “*pois [o Concílio] não foi provocado por heresias ou desvios regionais; ele é mais pastoral e tem uma dimensão planetária, pois seus temas têm uma universalidade*”.¹¹

As votações foram normalmente unânimes e buscavam a renovação e atualização da Igreja Católica, despertando nela uma consciência mais viva da realidade que vivia, diante dos valores e problemas do mundo. Neste sentido o Vaticano II, trouxe:

a) consciência e renovação da Igreja, como renovação e base para novos métodos pastorais, visando uma pregação mais coesa do Evangelho;

b) diálogo da Igreja com o mundo moderno;

c) esforço pelo restabelecimento da unidade cristã.

Merecem destaque os pensamentos dos dois papas que foram expoentes fundamentais deste Concílio, mostrando a necessidade e urgência que sentiam para que a Igreja se integrasse na história humana contemporânea. Assim João XXIII dizia: “*queria fazer a Igreja entrar na história e na sociedade do século XX, pois ela não é nenhuma cidadela e nenhum museu, mas antes, é um jardim que não cessa de florescer. ...Querida que a Igreja correspondesse às exigências do mundo de hoje, sem ferir a tradição*”.¹² E afirmava Paulo VI: “*conhecia bem as tensões que existiam entre os conservadores, progressistas e indecisos. O essencial era a renovação da Igreja e a reaproximação com as Igrejas separadas*.”¹³

Destacamos as principais conquistas deste grande acontecimento da Igreja universal:

11. René LATOURELLE, Vaticano II. Em René LATOURELLE e R. FISICHELLA, *Dicionário de Teologia Fundamental*. Petrópolis/Aparecida, Vozes/Santuário, 1994, p. 1043. Podemos confirmar a universalidade deste Concílio, pelos dados estatísticos da participação episcopal: Europa - 33%; América Latina - 22%; Ásia - 10%; África - 10%; Mundo Árabe e Oceania - 6%.

12. *Ibidem* p. 1044.

13. *Ibidem*, p. 1045.

- a. Diálogo: com o mundo e outras religiões cristãs e mesmo não cristãs;
- b. Serviços: uma nova imagem dos ministros, quer dizer não mais chefes, mas pastores, que ensinam e anunciam o Evangelho de Cristo.
- c. Ecclesiologia: uma comunidade eclesial que, além de instituição, fosse mistério de comunhão, não piramidal, mas participativa.
- d. Liturgia: celebração do povo de Deus, que oferta e sacrifica, unindo o mistério de Cristo às realidades vividas pelos seus celebrantes.¹⁴

14. *Ibidem*, p. 1046.

Abrem-se novos horizontes nos estudos bíblicos, teológicos e humanísticos, sem perder seu rigor especulativo, levando ao diálogo com o pensamento religioso moderno. O mundo entra na Igreja e a Igreja entra no mundo.

Neste sentido o Vaticano II, vai ser uma luz para Medellín, encarnando-se na realidade deste continente.

2.2.2. *CELAM: a coesão episcopal*

Graças aos esforços de Dom Helder Câmara, a I Conferência Episcopal Latino-Americana (Rio de Janeiro — 1955) criou o CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). Nasce como órgão de contato e colaboração das conferências episcopais sendo uma expressão de colegialidade, buscando a intercomunicação das igrejas particulares do continente. Teve como sede, após algumas reuniões de consulta, Bogotá, a capital colombiana, uma cidade latino-americana.

A entidade surge na busca de novas fórmulas para a solução dos problemas religiosos da América Latina como a grave falta de sacerdotes e sua formação, as novas formas de evangelização e de apostolado adaptáveis à América Latina e a pregação da justiça social baseada na doutrina social da Igreja.

Alguns frutos surgem imediatamente como a criação de institutos latino-americanos ou secções do próprio CELAM, dedicados à coordenação de diferentes setores da ação eclesial. Este órgão episcopal prepara a Conferência Episcopal Latino-americana de Medellín (organização, ambientação, motivação e espírito). Reunidos em Lima (Peru), em novembro de 1967, os dirigentes do CELAM aprovaram corajosamente o seguinte tema central para as discussões da Assembléia de Medellín: “*A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Vaticano II*”.

Em janeiro de 1968, em Bogotá, a equipe de estudo preparatória elaborou um texto dividido em três partes, que deu origem a um documento de trabalho estruturado na base do método “ver, julgar e agir.” São elas: uma visão integral das

realidades latino-americanas, uma reflexão teológica sobre as mesmas realidades e conseqüências pastorais para a ação da Igreja na América Latina.

2.2.3. CNBB: um episcopado comprometido com a história

Dom. Helder é a figura central e articuladora na criação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). Dedicando seu ministério à Ação Católica (fora vice-assistente nacional em 1947), tomou contato com a realidade pastoral do país, sentindo assim a necessidade da coesão do episcopado brasileiro na ação pastoral.

Articulou dois encontros regionais: a reunião dos bispos em Manaus (julho de 1952) e a dos bispos do Vale do Rio São Francisco (agosto de 1952). A partir destes passos, deu-se a fundação da CNBB, no dia 14 de outubro de 1952, no palácio São Joaquim. O mesmo D. Helder foi o secretário do encontro. Presentes no evento estavam o núncio apostólico, Dom Carlos Chiarlo, os dois cardeais brasileiros e cerca de vinte arcebispos e bispos.

Em Medellín (1969), Dom Helder foi delegado do episcopado brasileiro. A votação dos delegados para Medellín causou algumas críticas por parte do arcebispo de Diamantina, D. Sigaud, que declarou “*que a delegação brasileira à II Conferência do Conselho Episcopal Latino-Americano não é representativa, porque a eleição foi desleal e resultante de manobra hábil da presidência da CNBB*”.¹⁵ Após esta declaração muitos bispos e padres dirigiram uma carta ao Núncio Apostólico, urgindo a necessidade dos bispos professarem a colegialidade e a importância das Conferências Nacionais.

Depois de alguns períodos de dificuldades com o golpe de 64, a CNBB ressurgiu em 1971, apoiando-se no documento de Medellín, que serviu de estímulo para se criar no Brasil respostas aos desafios dos tempos.

2.2.4. AÇÃO CATÓLICA: uma pastoral engajada

A Ação Católica¹⁶ vem para o Brasil sob o impulso de Pio XI, que escreve ao cardeal Dom Leme, mostrando sua importância como ação pastoral em diversos níveis. Oficializada em 1935, na festa de Pentecostes, alia-se à burguesia dominante, porém ao assumir o método “ver, julgar e agir”, toma um rosto crítico e torna-se a expressão dos vários setores do laicato. Citamos a JOC (Juventude Operária Católica), aprovada em 1948.

No Brasil, a Ação Católica tem duas etapas: a ACG (Ação Católica Geral), proveniente da Ação Católica Italiana, impulsionada por D. Leme, e, a ACE (Ação Católica Especializada), impulsionada pelo então Pe. Helder Câmara (assistente nacio-

15. Jornal *ULTIMA HORA*, 21/08/69.

16. A Ação Católica tem sua origem na Europa e se estende para todo o mundo. Na Itália, foi impulsionada por João Batista Caconi, de Bolonha, com o tema: “A Associação Católica para a Liberdade na Igreja na Itália”. Em 1866, foi aprovada por Pio IX. Na França, o Conde Mun foi o inspirador do primeiro núcleo de jovens (1886), intitulado-se como “Ação Católica da Juventude Francesa”. Este movimento foi intensificado e inovado com a Encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII. A expressão “Ação Católica” foi utilizada por Leão XIII (1878-1903) e visava articular os leigos em relação ao apostolado da hierarquia.

nal em 1947), que tem por meta a inserção na realidade (aprensão da realidade e análise com o auxílio das ciências humanas) e na pedagogia da ação (esforço de agir pedagógico nas massas populares, levando ao engajamento sócio-político).

Nos seus diversos movimentos (JAC, JEC, JOC e JUC), a Ação Católica trouxe novas bases pastorais, novo estilo de coordenação, engajamento social e político e renovação catequética e litúrgica, levando a uma fecunda participação dos católicos conscientes nos meios de comunicação social, nas instituições educacionais e, em menor escala, na renovação paroquial. Este dinamismo da pastoral em toda América Latina é propulsor da Conferência Episcopal de Medellín.

2.2.5. CEBs: novo modo de ser Igreja

Numa nova maneira de conceber a comunidade eclesial, as CEBs nascem de duas vertentes: primeiramente o contexto sócio-cultural e eclesial brasileiro, que tem como base as experiências pastorais e políticas das décadas de 50 e 60, e, em segundo lugar o contexto eclesial com motivações vindas do Concílio Vaticano II. Contrastam-se à luz renovadora da Igreja e sua efervescência popular e a noite repressiva do golpe militar.

A experiência das CEBs marca a partilha da mesma fé: são comunidades, porque as pessoas se “*unem por laços de solidariedade e de compromisso de vida*”; são eclesiais, porque “*constituídas de cristãos reunidos em razão de sua fé e em comunhão com toda a Igreja*”; são de base, “*porque integradas por pessoas das camadas populares*”.¹⁷

Normalmente originadas por motivações religiosas ou sociais, as CEBs podem surgir também pela necessidade de uma ação pastoral mais libertadora, por exemplo, como para resolver o problema de moradia de um bairro.

Nas CEBs, um grande papel é exercido pelos animadores, pessoas provenientes da própria base popular, que assumem certas responsabilidades, tais como, o culto, a catequese, a reflexão bíblica, a ação social, etc.; e pelos agentes de pastoral, geralmente padres ou religiosas que acompanham a história da comunidade e, com seu carisma, dinamizam o trabalho pastoral.

Embora não seja algo fácil de se precisar, a origem das CEBs está ligada à experiência de renovação pastoral, empreendida por Mons. Expedito, em São Paulo do Potengi (RN). Esta experiência significou, pela primeira vez, o rompimento com o quadro tradicional de pastoral paroquial, possibilitando “*a participação muito ativa de todos os membros do povo de Deus*” comprometido “*com as transformações sociais, ditadas pelas exigências evangélicas*”.¹⁸

17 F. L. C. TEIXEIRA, *A Gênese das CEBs no Brasil. Elementos explicativos*. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 305.

18 R. C. BARROS, *Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II (1930-1968)*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 180.

19. F.L.C. TEIXEIRA, *o. cit.*, p. 294.

As CEBs já existiam antes de Medellín, mas foi a partir de então que elas ganharam “foro de cidadania”, pois Medellín significou, propriamente, “*o reconhecimento a nível institucional das CEBs, enquanto acontecimento eclesial*”.¹⁹

2.2.6. TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: as bases hermenêuticas

Uma nova metodologia de refletir e propor o dado da fé, parte das práticas de lutas de libertação, cristãs ou não, num comprometimento social e político. Nasce da sensibilidade pela causa dos que sofrem em escala continental, levando a uma postura política de libertação, através de uma releitura da história, das escrituras, da liturgia e da doutrina. Reinterpretando o livro do Êxodo, reflete seu conteúdo a partir da vida concreta do povo que sofre, sobretudo do grande anseio de libertação atual. O grito dos oprimidos do Terceiro Mundo, transforma-se em matéria-prima, para uma reflexão de esperança messiânica por uma sociedade mais livre e fraterna. Segundo o “Pai” da Teologia da Libertação, Gustavo Gutiérrez, em um dos seus primeiros discursos, a conferência em Genebra (Suíça) em 1969, a Teologia da Libertação “*trata da libertação como reflexão crítica sobre a práxis da Igreja ou dos cristãos, não da práxis histórica do homem em geral, independente da sua fé*”.²⁰

20. A R. GARCIA, *Teologia da libertação: Política ou Profetismo*. São Paulo: Loyola, 1977, p. 32.

A Teologia da Libertação recuperou na ação pastoral o profetismo cristão baseado em Javé, o Deus comprometido com a libertação. A religião não será mais o simples ato devocional mas o feijão e o arroz, que alimenta o povo e dá força para a caminhada. Assumindo assim a mensagem radical do Cristo histórico, fazendo a ligação entre fé e vida à luz da palavra de Deus, focalizando a força política presente no Evangelho e assumindo o compromisso com o pobre, não de forma paternalista, mas misturando-se no sub-mundo excluído, procura alternativas para o nascer de um novo dia.

No Brasil e nos diversos países latino-americanos nascem as comunidades, que encontram na Bíblia a grande arma para enfrentar as injustiças e fazer as suas reflexões e celebrações. Para que tal trabalho tivesse êxito, o teólogo Carlos Mesters assume um projeto bíblico de reflexão a partir do cotidiano sofrido do povo, procurando “desvaticanizar” e denunciar o perigo do clericalismo e do centralismo da Igreja. É a religião sendo um meio de libertação e não mais o “ópio do povo”. Era uma Igreja “*com um pé na Bíblia e outro no chão*”.²¹

21. C. MESTERS, *Deus, onde estás? Uma introdução prática à Bíblia.*, p. 67.

Neste “novo modo de ser Igreja”, os pobres passam a ser sujeitos da evangelização. Para que tal trabalho tenha êxito a teologia busca a mediação nas ciências sociais e desse modo ter uma maior compreensão e eficácia no trabalho libertador.

Um grande desafio para a prática libertadora neste final de século e novo milênio é a definição mais clara sobre a fé na reflexão da práxis libertadora, procurando cada vez mais entender a vivência e o jeito que o povo sofrido celebra a sua fé, além da definição do seu perfil epistemológico. Esta nova postura teológica vai estar presente na reflexão que anima a Conferência de Medellín e tornará possível a sua propagação na Igreja Latino-americana.

2.2.7. *Enfim, a CONFERÊNCIA DE MEDELLIN*

A realização da Conferência de Medellín, sugerida por Monsenhor Larraín, para atualizar e aplicar na América Latina as decisões conciliares, foi precedida de várias reuniões, que, tiveram ressonância depois quando aconteceu a assembléia.

Na *X Reunião Anual do CELAM*, realizada em *Mar del Plata* (Argentina) em outubro de 1966, deram-se os primeiros passos para a organização da conferência. Na busca de uma maior contribuição da Igreja no processo de desenvolvimento e integração da América Latina, foi esboçada a estrutura tripartida de "*Fatos-Reflexão-Recomendações*"²², adotada nos documentos sucessivos. As conclusões desta reunião foram enviadas ao Papa com o propósito de que se continuaria "*estudando e traduzindo em experiência o fruto de nossas reflexões*".²³

Este propósito, somado à contribuição da encíclica *Populorum Progressio*, faz crescer o anseio de uma pastoral "*de ação efetiva e intensa*" de todo o Episcopado Latino-americano. Com esta motivação realiza-se o *Encontro de Presidentes de Comissões Episcopais de Ação Social*, realizado em maio de 1968 em *Itapoã* (Brasil). Este encontro será marcado por uma reflexão teológica sobre o desenvolvimento, inclusive ressaltando a deficiência e ambigüidade da teologia conciliar e pós-conciliar européia para com os temas latino-americanos e propõe a que tal trabalho seja aqui promovido. Porém, a grande contribuição de Itapoã para Medellín, será a descrição e análise da realidade "*com o manejo claro da teoria da dependência, e nela integra os problemas típicos de nossa América Latina no referente ao sócio-político*".²⁴

O *I Encontro sobre pastoral de missões na América Latina* realizado em abril de 1968, em *Melgar* (Colômbia), exercerá especial influência nas indicações pastorais de Medellín. À luz da eclesiologia do Vaticano II, questionará o sentido da missão e da Igreja manifestando não só a "*inadequação ou crise da cultura missionária, senão a crise da concepção eclesiológica que a suportava*".²⁵ Ao apontar para a *unidade da história*, superando a eclesiologia do Vaticano II, Melgar será "*um marco no processo à teologia da libertação*".²⁶

22. R. OLIVEROS MAQUEO, *Liberación y teología*. Genesis y crecimiento de una reflexión (1966-1976). México: Centro de Reflexión Teológica, 1977, p. 81.

23. CELAM, "Carta de entrega das conclusões de Mar del Plata a S.S. Paulo VI". Em *Presença Ativa da Igreja no Desenvolvimento e na Integração da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1967 (Documentos CELAM, n. 1), p. 40.

24. R. OLIVEROS MAQUEO, *o. cit.*, p. 90.

25. *Ibidem*, p. 83.

26. *Ibidem*, p. 85.

3. A PATROLOGIA DE MEDELLIN

Nesta segunda parte damos destaque a pessoas que foram responsáveis pelas idéias que formam o núcleo do documento final da Assembléia. Nós propomos o que se poderia chamar a “patrologia de Medellín”. Trata-se de um humilde esforço de reconhecer e resgatar o pensamento teológico de alguns “Padres” a que antecederam a esta Conferência e que iluminaram as reflexões e as decisões primordiais dos representantes do episcopado. A metodologia de trabalho e de pesquisa mostram uma busca incessante de um pensamento teológico que possa levar a uma compreensão das razões e motivações que se encontram nas posições teológicas e pastorais destes “santos padres” de Medellín. Dentre os inúmeros “Padres” — pastores e teólogos — foi difícil fazer uma escolha para determinar quais seriam os mais destacados, caindo nossa opção sobre Dom Helder Câmara, bispo da Igreja do Brasil (Recife-Olinda), Dom Enrique A. Angelelli, bispo da Igreja da Argentina (Rioja), Dom Leônidas Proaño, bispo da Igreja do Equador (Riobamba) e ainda Dom Antonio Fragoso, bispo da Igreja do Brasil (Crateús/CE).

A partir de temas importantes dentro da teologia, como a teologia da história, a eclesiologia, a cristologia, a mariologia, a liturgia e as questões da moral social, procurou-se fazer uma leitura aprofundada de seus escritos, destacando o pensamento teológico destes padres da Igreja, nestas diversas áreas. Assim, através do pensamento teológico destes “padres da Igreja em Medellín”, podemos compreender o rosto de sua fé e de sua prática cristã.

Os escritos trazem reflexões anteriores e mesmo posteriores à realização da Conferência, mas mostram sempre o pensamento que predominava entre os realizadores naqueles anos áureos da reflexão teológica em nosso continente latino-americano.

3.1. Teologia e profetismo

Os “Padres latino americanos” ao contribuir ao anseio por libertação total do ser humano oprimido pelo sistema econômico, político e social, tanto por seus escritos, como por suas atitudes, manifestaram autêntica atitude profética. Eles se mostram comprometidos com a transformação da sociedade e denunciam o sistema vigente como produtor de miséria e injustiça.

Dom Helder Câmara afirma que “*diante das injustiças geradas pela má distribuição da riqueza é necessário captar os protestos silenciosos ou violentos dos pobres. E o protesto dos pobres é a voz de Deus*”.²⁷ Denunciando a estrutura que coíbe toda e qualquer iniciativa de libertação, mostra que é preciso

27. H. CAMARA, *O deserto é fértil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975, p.24.

empenhar-se numa união das “minorias abraâmicas”, gerando uma pressão moral libertadora, que deverá ser pacífica, em oposição à violência explosiva e armada.²⁸

Os “Padres da Igreja de Medellín” são sensíveis aos sinais do seu tempo e querem unir as forças religiosas para viver e fazer viver o amor e para denunciar e superar o medo tanto nos oprimidos, quanto nos opressores, que têm medo de perder os bens. Os oprimidos, porque se julgam irremediavelmente sem quaisquer possibilidades de tê-los, estão excluídos.²⁹

D. Fragoso atesta que a Igreja é o sinal sensível de misericórdia do Pai e da sua libertação. Afirma ser preciso anunciar e tornar real a libertação do pecado individual e coletivo do egoísmo nas suas manifestações modernas, tais como: colonialismo, imperialismo, alienação, discriminação racial e social. Ele enfatiza que o mundo está armado a serviço da destruição, em face dos interesses econômicos, onde predomina uma ideologia de morte. Enquanto Igreja, devemos suscitar no coração uma esperança viva para com o povo sofrido e abandonado.³⁰ A Igreja deve tomar sobre si a causa da justiça em favor dos pobres. O povo oprimido é identificado a uma imensa esperança em Cristo, que fortifica e dá coragem ao novo rosto da Igreja.³¹

Dom Angelelli é um pastor sensível à realidade de sua gente, faz-se o poeta dos pobres. Podemos ouvir sua voz: “*Minha vida foi como um rio pequeno a anunciar aleluia aos pobres. E é no silêncio e na poesia que brotam palavras de vida e coragem, de anúncio e denúncia. Tece críticas à sociedade moderna, com tantas técnicas e artes, mas que desconhece a paz e o amor promovidos pelo evangelho do poder, que é a Boa Nova*”.³²

Dom Proaño assume a identidade cultural de seu rebanho, um povo de indígenas empobrecidos e vilipendiados, destituído de seus bens e que vê suas terras e seus costumes serem seqüestrados de forma vergonhosa pelos possuidores dos meios de produção capitalista. Faz-se a voz dos pequenos e vive a realidade sofrida daqueles indígenas, que assumiu como seus irmãos.

3.2. Teologia da história: Deus se revela nos acontecimentos

Nestes “Padres da Igreja”, a concepção de história é profundamente marcada pela experiência religiosa vivida em seu contexto eclesial. Olham os acontecimentos históricos aos olhos da fé, pois “*Deus interage na história*”.³³ Deus se faz presente na história não como “*presença estática ou observador neutro*”, mas, sua presença “*faz a história viva e dinâmica, sempre nova*”.³⁴ Falamos de um Deus partidário, que viu e ouviu o clamor do povo sofrido (Ex 3, 20) e “desce” para aí realizar a libertação.

28. Ibidem, p. 80-81

29. Ibidem, p. 60

30. Antonio FRAGOSO, *Evangelho e Problemática Social*. Porto, A. Ferreira, s.d., p. 140

31. Ibidem, p. 120

32. Enrique A ANGELELLI, *Encuentro y Mensaje*. Poemas. Buenos Aires, Pátria Grande, 1976, p. 12

33. Antonio FRAGOSO, *O rosto de uma Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982. p. 35

34. Enrique A ANGELELLI, *o. cit.* p. 62

Estes “Padres da Igreja” excluem o fatalismo ou pré-determinismo. A realidade humana deve ser dinamicamente construída, “*não individualmente, mas em conjunto, por meio de organizações*”.³⁵ É preciso que o ideal místico forme coesão e mesmo assim preserve a identidade pessoal “*onde o homem se faz rosto e a história de faz povo*”.³⁶

Dentro desta concepção histórica o cristão não pode viver isolado, enclausurado em sua fé, buscando sentido de vida numa história transcendental, pois “*é loucura querer ser santo fora do espaço político*”.³⁷ Era urgente que os cristãos formassem uma consciência política para ser vivida dentro da comunidade de fé, não como um fim em si mesmo, para que a política não se torne politicagem, mas como um instrumental útil, que poderia proporcionar maior eficiência na promoção humana e por conseqüência também na difusão da Palavra de Deus, que é a principal missão da Igreja.

Para os “Padres da Igreja de Medellin”, os avanços históricos trazem novos desafios, que devem ser enfrentados. O cristão deve estar disposto a viver nestes novos tempos, encarnando a realidade, a partir da ótica evangélica.

Apesar das forças do mal e da morte, vemos um grande otimismo por parte destes padres, pois a Igreja tem a missão de transformar a História, colocando o excluído dentro da sociedade, para que possa haver uma libertação integral e surgir na História um novo rosto, iluminado pelo rosto do Cristo Ressuscitado.

3.3. Igreja dos pobres: da cor e da dor do povo sofrido

Os “Padres da Igreja de Medellin”, assumem plenamente uma nova dimensão eclesiológica para o continente. Sem perder o seu aspecto de “corpo místico de Cristo”, alimentado pela fé e pela mística do Senhor da paixão e da ressurreição, convertem-se a um rosto de igreja, que tem por sujeito os seus povos sofridos e maltratados da história de sangue e morte desta gente, que reza e louva o Senhor em nossas assembléias. Geram-se novas dimensões eclesiais, novos métodos de pastoral, novas liturgias e nova visão de serviço e hierarquia.

Podemos analisar a expressão de Dom Helder Câmara, que mostra que “*a Igreja latino-americana quer encontrar suas próprias forças de expressão, sua originalidade, seus carismas específicos no seio da Igreja Universal, colocando-os a serviço da humanidade para responder ao atual desafio da história*”.³⁸ A Igreja deve ser profética e comprometida com a história da salvação e sinal da promessa divina e realizar a antropologia do homem novo em evolução social. Crê que “*a meta a atingir é a de um ser livre e consciente, numa progressiva libertação de mil*

35. A FRAGOSO, *o. cit.* p. 35

36. Enrique A ANGELELLI, *o. cit.* p. 17

37. Antonio FRAGOSO, *o. cit.* p. 42

38. Helder CÂMARA, *Revolução dentro da paz*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968, p. 33.

*servidões, para que possa crescer uma liberdade fundamental: ser livre, até libertar-se de si mesmo e poder doar-se aos demais.*³⁹

39. Ibidem, p. 30.

A Igreja, deve cooperar na formulação dos valores fundamentais da sociedade, denunciando o pecado coletivo das estruturas injustas e reconhecer a sua parcela de culpa. Ela, como Igreja de serviço, tem que manter a relação com as massas, com os grupos diversos, com as organizações políticas numa atitude de serviço e de diálogo, desfazendo-se de sua força de prestígio e do poder e se tornando presença reveladora de Deus. “A Igreja não se marginaliza na história. Ela vive no coração da história através de seus leigos livres, adultos e responsáveis”.⁴⁰

40. Ibidem. p. 46.

Na realidade dos camponeses, Dom A. Fragoso, quer conscientizá-los de sua dignidade, numa Igreja de irmãos e irmãs em igualdade, que caminham de mãos dadas, lutando pela justiça e à frente das necessidades humanas. Uma Igreja da esperança, que está sempre se redescobrimdo como peregrina, serve e pobre.⁴¹

41. Antonio FRAGOSO, *Evangelho e Problemática Social*, p. 21.

A Igreja, tem que ser sinal de misericórdia do Pai, de libertação e salvação, onde o pobre e o fraco, devem ocupar seu lugar na sua missão profética e pastoral.⁴²

42. Ibidem. pp. 139 e 140.

Dom E. Angelelli, quer construir uma Igreja na qual os ministros e os leigos formem uma comunidade de amor e de doação, que “possa brindar toda a Argentina e quem sabe o mundo, com o testemunho de uma unidade indestrutível, um sinal de unidade muito difícil de encontrar em nossos tempos e mesmo em nossa própria Igreja”.⁴³

43. E. ANGELELLI. “Despedida en nombre de los sacerdotes” (6.8.76). Em AAVV. *Signos de Lucha Esperanza*. testimonios de la Iglesia en América Latina (1973-1978). Lima: CEP, 1978, p. 252.

Dom L. Proaño, inspirado no Concílio Vaticano II, busca realizar uma comunidade eclesial dinâmica e em contínua transformação. Procura uma nova identidade do ministério sacerdotal, dos religiosos e religiosas e, de modo particular dos bispos: “encarnada na realidade, aberta às mudanças, em permanente atitude de reflexão e descoberta, comunitário na inserção, na ação e na reflexão”.⁴⁴

44. L. PROAÑO, *Evolución de las Formas Tradicionales a Nuevas Formas de Ministerios*. p. 187.

Temos a gênese de uma eclesiologia marcada pelo rosto do povo sofredor, na qual os ministérios são colocados em favor da luta pela vida e pela transformação da história em Reino de Deus.

3.4. Cristologia: o rosto humano de Deus

Partindo da ênfase dada a Jesus, homem da história, imagem personificada do “povo-servo” sofredor, os “Padres da Igreja de Medellín” esboçam uma cristologia que brota da história, quer dizer, de baixo para cima. Igualmente, a imagem mariana é vinculada à realidade, uma mulher altamente mística, mas sem o “glamour” espiritualista.

Descortina-se o Jesus que abandona a condição divina, faz-se pobre, servo e se torna mensageiro da justiça e da dignidade para as massas sofredoras do povo. Ele não tem rosto, tem cara e esta cara reflete o faminto, injustiçado, maltrapilho e desprezado. Faz-se pequeno com os pequenos, para juntos empreenderem a luta pela sua dignidade. Esta é a visão cristológica de Dom H. Câmara.⁴⁵

45. L. J. SUENENS, e Helder CÂMARA, *Renovação no Espírito e serviço ao homem*. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 27

Em Dom E. Angelelli, descobrimos um Cristo comprometido com a causa dos pobres, caminhante com o povo e presente na história, ao lado dos oprimidos, pés descalços, pés no chão. Quando parte de La Rioja (06.08.1976) ele clama: “*Obrigado, querido hermano, porque foste crucificado nestes caminhos que tantas vezes percorreste buscando os irmãos, como Cristo, e repetiste em nosso tempo e ao nosso lado, nesta Rioja que quiseste molhar com teu sangue...*”.⁴⁶

46. E. ANGELELLI. “Despedida en nombre de los sacerdotes”, p. 252

Também a voz de Dom L. Proaño, apresenta uma cristologia ativa e dinâmica, centralizada num Cristo revolucionário, que quer transformar, com sua mensagem, a sociedade pecadora, provocando-a para viver o amor e a justiça, através de um compromisso corajoso que se coloque na defesa dos irmãos. Ele afirma que “*Deus deseja a libertação do povo. Foi por isso que enviou seu Filho: para mostrar e destruir o mundo de egoísmo criado pelo homem e anunciar o Reino de Deus*”.⁴⁷

47. L. PROAÑO, *El profeta del pueblo*. Quito: Estuardo Gallegos, 1992. pp.214 e 215.

O Cristo professado por Dom A. Fragoso, assume um compromisso com a causa da libertação. Portanto, a fé em Jesus exige uma educação para a luta: luta pelo Reino, luta pela justiça encarnada em todos os projetos humanos, e que tem como pressuposto o diálogo e a transformação da sociedade. Assim, somos cristãos, que devemos estar sempre a caminho. E o Cristo que vai conosco para a luta se encontra, ao mesmo tempo, ao longo do caminho e nos estende as mãos. São seus pobres e oprimidos.

Na sua concepção mariológica, a Mãe de Deus está a caminho, na busca dos pobres. Esta é a metáfora da visita a Isabel. Vai ao encontro para servir e para libertar. Esta é a imagem de uma prática a ser desenvolvida por toda a Igreja, num gesto acolhedor de quem vai ao encontro dos mais necessitados. Imagem semelhante nos apresenta Dom H. Câmara, que confirma o canto de Maria (Lc 1, 26-51) como adesão à causa dos pobres, contra os poderosos.⁴⁸

48. Helder CÂMARA, *Revolução dentro da paz*. Rio de Janeiro, Sabiá, , 1968, p. 57

3.5. Liturgia: celebrar alegria e dor

As perspectivas litúrgicas, que nortearam estes “padres da Igreja de Medellín”, visavam celebrações com linguagem e simbologia compreensíveis para o povo latino-americano e implicavam o celebrar a partir da vida e do cotidiano das comunidades.

Citamos, por exemplo Dom H. Câmara, que faz uma crítica aos nossos ritos, afirmando que “o ritual utilizado nos terreiros são criados à imagem e semelhança das pessoas que ali participam; ao passo que a liturgia católica está moldada em formas burguesas”.⁴⁹ Considera que a liturgia não deve ser algo impessoal, mas deve valorizar as relações humanas e o contato pessoal.

49. A. A. V. V. O *Diálogo Missionário nos Tempos Atuais*. Livraria Moraes, 228.

Por sua vez, Dom L. Proaño manifesta sua preocupação quanto à participação das massas nos atos celebrativos, que não deve ser apenas tradicional e formal, mas de conversão. Nas suas palavras, a participação “consiste na purificação do coração, justiça aos pobres e oprimidos, evitando o ídolo do dinheiro, que é atualmente o bezerro de ouro, isto é, respeitar a imagem viva de Deus do que aquela feita por mãos humanas”.⁵⁰ Seu ideal litúrgico é a participação na liturgia e a verdadeira conversão, mediante um compromisso com a vida real.

50. L. . PROAÑO, Cuaresma y Conversion., Em AAVV. *Signos de Liberación: testimonios de la Iglesia en América Latina* (1969-1973). Lima: CEP, 1973, p. 270

Dom A. Fragozo remete-nos à questão da importância da participação, da simbologia encarnada, da inculturação popular. Ele nos remete “a uma busca de expressão litúrgica, de linguagem, de gestos, de símbolos, de palavras que acolham e revelem a caminhada do povo em luta por sua libertação. Não aceitamos o imobilismo, o fixismo legalista, mas, não descobrimos ainda como incorporar a cultura popular e o processo de libertação, na Liturgia”.⁵¹ Dom A. Fragozo distingue a “liturgia oficial” da “liturgia popular”. Para ele, a primeira é portadora de grandes riquezas multiseculares, mas fortemente estereotipada, centralizada, apontando mais para a ortodoxia teológica, enquanto a segunda aponta para um universo religioso, simbólico, afetivo, quase desconhecido dos teólogos, pastores e intelectuais.

51. Antonio FRAGOSO, *O Rosto de uma Igreja*. São Paulo: Loyola, 1982, p. 34

Dom E. Angelelli, a partir da poesia, faz uma ligação da liturgia com a vida, voltando o seu pensamento para as questões que sobrepõe à violência e à opressão. Questionando a padronização romana ele a contrapõe à libertação, tendo em vista os anseios latino-americanos. Para isso, segundo Dom E. Angelelli, a cruz é símbolo de vida que se apoia na rocha firme, profunda e sólida, símbolo do Cristo que morre e ressuscita para que encontremos a fonte da vida. Portanto, para ele, “a liturgia perpassa a vida como num todo, numa poesia”.⁵²

52. E. A ANGELELLI. *Encuentro y mensaje*, Buenos Aires: Ed. Patria Grande, 1976. p. 62.

Tendo em vista a concepção desses quatro bispos latino-americanos, podemos dizer que a preocupação de cada um deles se centraliza na questão de elaborar (construir) uma liturgia voltada para a simbologia ligada às realidades do homem, levando em consideração os elementos do seu dia a dia. A liturgia deve ter como prerrogativa a compreensão do homem, da simbologia e da busca de sua libertação.

3.6. A dimensão social da fé: consciência e luta

Como a Igreja está inserida na realidade, as questões sociais sempre foram elementos constitutivos de sua missão, buscando síntese com sua doutrina religiosa. Com o processo de fazer miseráveis as massas populares, contracenando com a luxúria de minorias, o interesse pelo social tornou-se uma necessidade da ação pastoral.

Dom H. Câmara espanta-se e nos espanta, com a afirmação que “o escândalo do século é a marginalização, que afasta o ser humano dos benefícios e serviços, da criatividade e das decisões de mais de dois terços da humanidade”.⁵³ Este exército de excluídos não encontra mais lugar para “reclinar a cabeça” na sociedade e perde o que de mais precioso ainda lhes resta: sonhos e esperanças. São frutos do egoísmo, entre os países e entre classes sociais. Cabe a todo cristão combater este vírus do egoísmo, que impossibilita a instauração histórica do Reino de Deus.

O mesmo Dom H. Câmara propõe um “remédio”: “Precisamos urgentemente de muita vitalidade e coragem para nos unirmos para uma educação libertadora. Só ela é capaz de libertar o ser humano do egoísmo gerador do orgulho e pretensão de viver sem Deus, do individualismo e da suposta impossibilidade de solidariedade e paz entre as pessoas”⁵⁴

A ação pastoral quer formar pessoas comprometidas com a solidariedade não apenas paternalista, mas de profunda transformação pela instauração da justiça social. Não bastam ações assistenciais esporádicas (tempo de natal e de quaresma), que elevam o sentimentalismo; é preciso uma conversão autêntica. Nesse sentido, Dom L. Proaño alerta: “se admitimos socialmente que no comércio se deve aspirar os maiores lucros, mesmo que seja preciso enganar os compradores, depois da semana santa continua-se a buscar lucros exagerados, prejudicando os clientes”.⁵⁵ Neste modo de viver o cristianismo, não se é o verdadeiro Cristo libertador, que nos quer todos irmãos e irmãs livres, numa sociedade onde haja justiça e vida.

Assumindo a realidade social como sua missão, a Igreja difunde a Palavra de Deus formando uma consciência política libertadora, fundamentada nos valores cristãos de justiça e verdade. É nesse sentido, que podemos dizer, que “a Igreja de Medellín tomou uma maior consciência: a evangelização é libertação, porque tenta recolocar as pessoas na sua relação com Deus, com o outro e com o mundo”,⁵⁶ construindo-o através do compromisso a ela deixado por Jesus.

Assim, apontando para várias questões sociais, a Igreja não pretende dirigir a sociedade política local, nem a economia e a cultura, mas tem o direito e o dever de ser presença animadora,

53. H. CÂMARA, *O deserto é fértil*, p. 59.

54. *Ibidem*, p. 57.

55. L. PROAÑO, *Cuaresma y Conversion*, p. 270

56. I. PROAÑO, “A Igreja trabalha para a formação de uma sociedade cujos fundamentos sejam a fraternidade e a justiça” (Entrevista concedida em 19.9.79). Em *SEDOC*, Petrópolis, vol. 12, nº 131 1980-mai) p. 1093

em nome de Deus, do Reino e do Evangelho e não pode ser excluída por nenhum título. Sua perspectiva, porém, é evangélica.⁵⁷ Ela não governa a cidade e nem dirige o mercado, mas deve iluminar para que o mercado não seja excludente e a cidade seja governada dentro dos princípios da justiça e da solidariedade, que são princípios cristãos, que Jesus, fervorosamente, apregoa.

Dom A. Fragoso, aponta para as várias questões sociais, mostrando que no continente latino-americano está em gestação um rosto novo de Igreja, que nasce na vida mesma do povo pela força de Deus. Comprometida com o social, a Igreja vê-se diante do povo em constante êxodo, buscando o transcendente dentro de sua realidade, não ignorando as peculiaridades de todas as culturas. Assim, ela estará aberta ao mundo, conquistando seu espaço de atuação, como sujeito de transformação. Esta foi a missão que lhe confiou o próprio Senhor.

57. Antonio FRAGOSO, *O rosto de uma Igreja*, p. 55.

4. UMA PALAVRA PARA CONCLUIR

Foi-nos uma grande surpresa lançar nossos baldes nas fontes dos “padres da Igreja de Medellín”. Descobríamos a cada leitura, novas afirmações e diferentes posicionamentos que nos criavam fascínio e admiração por estes homens, que souberam descobrir os traços de Deus numa história conturbada e marcada pela opressão. Estes pastores da nossa Igreja, iluminados pelo Espírito de Deus, souberam discernir e com sua vontade puderam fazer opções lançando as raízes revolucionárias para uma compreensão mais profunda do dado da fé, que, com tanta sabedoria, sabem encarnar na história concreta, nos caminhos de sangue e de martírio dos filhos e filhas da América Latina.

O legado que nos foi deixado por estes “padres de Medellín” e por tantos outros pastores, leigos e leigas, é um tesouro a ser conhecido e explorado, para luzir nas páginas de teologia de nossos tempos de fim de milênio. Muitas coisas foram escritas, muitos fatos foram narrados e tanto heroísmo e devoção de milhares de mulheres e homens anônimos ficam escritos no coração da história, à espera que sejam resgatados no tempo e voltem a iluminar os caminhos do cristianismo em nossa realidade.

Comemorar Medellín, 30 anos depois, desvela a alegria de conhecer um tempo de Igreja engajado e em comunhão, onde todos, pastores e fiéis, buscaram ouvir a voz incessante do Espírito e descobrir novas vias de realizar o Reino de Deus e de construir a Igreja dos pobres, Igreja de irmãos, Igreja de Jesus Cristo.

- ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis, Vozes. 1984
- BERNARELA, Maria — *Dom Helder, pastor e profeta*. São Paulo, Paulinas, 1983.
- BETIATO, Mário Antonio. *Da Ação Católica à Pastoral da Juventude*. Petrópolis:Vozes, 1985. pp 24-29
- BOFF, Leonardo e BOFF, Clodovis. *Teologia da libertação no debate atual*. 2ª ed., Petrópolis, Vozes, 1985 (Teologia Orgânica, n. 13)
- CASTILHO, Luís Maria Gavilanes. *Monseñor Leonidas Proaño y su mision profetico-libertadora en la Iglesia de América Latina*. Quito: Fondo Ecuatoriano Populorum Progressio, 1992.
- CIVARDI, Luís. *Manual de Acção Católica*. Braga. Oficinas Gráficas da “Pax”, 1935. pp. 43-58.
- COMBLIN, José. “Medellín: Vinte anos depois”. Em *REB*, v.. 48, fasc. 192 (1988-dez.), p. 818ss
- DALE, Frei Romeu (org.). *A Ação Católica Brasileira*. São Paulo: Loyola, 1985. pp. 9-33.
- DUSSEL, Enrique (org.). *História liberationis: 500 anos de história da Igreja na América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1982.
- GALILEA, Segundo, *Teologia da libertação: Ensaio de síntese*. 3ª ed. São Paulo, Paulinas, 1982
- GONZÁLES, Horácio. *O que é subdesenvolvimento*. 2a. ed. São Paulo, Brasiliense, 1980. (Primeiros Passos’, nº 14)
- GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação*. 4ª ed. Petrópolis, Vozes, 1983.
- GUTIERREZ, Gustavo. *Libertação na América Latina e no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1994
- LIBÂNIO, João Batista e ANTONIAZZI, Alberto. *Vinte anos de teologia na América Latina e no Brasil*. Petrópolis, Vozes, 1994.
- MESTERS, Carlos. *Deus, onde estás? Uma introdução prática à Bíblia*. 9ª ed. Petrópolis, Vozes, 1991.
- PAES, Maria Helena Simões. *A década de 60: Rebelião, contestação e repressão política*. São Paulo: Ática, (Princípios n. 221).
- PRANDINI, Fernando; PETRUCCI, Victor A e DALE, Romeu. (Org. Centro de Pastoral Vergueiro). *As relações Igreja-Estado no Brasil*. vol. 1. São Paulo: Loyola, 1986.
- PRANDINI, Fernando; PETRUCCI, Victor A. e DALE, Romeu. (Org. Centro de Pastoral Vergueiro). *As relações Igreja-Estado no Brasil*. vol. 3. São Paulo: Loyola, 1987.

- RANGEL, Pascal. *Teologia da libertação: juízo crítico e busca de caminhos*. Belo Horizonte: O Lutador, 1987
- RICHARD, Pablo. *Morte das cristandades e nascimento da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1982
- ROSSI, Clóvis. *Militarismo na América Latina*. São Paulo: Brasiliense, 1992 (“Tudo é história” n. 46)
- SERVUS MARIAE (Raimundo Caramuru de Barros). *Para entender a Igreja no Brasil: A caminhada que culminou no Vaticano II (1930 — 1968)*. Petrópolis: Vozes, 1994 .
- TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. *A Gênese das CEBs no Brasil*. Elementos explicativos. São Paulo: Paulinas, 1988.
- VIDALES, R. Raul — *La Iglesia latinoamericana y la política después de Medellín*. Bogotá: CELAM, 1972 (IPLA — Instituto Pastoral Latinoamericano)

FONTES BIBLIOGRÁFICAS

- AAVV. *Signos de Renovación*. Reccopilación de documentos post-conciliares de la Iglesia en América Latina. 2ª ed, Lima, Ed. Universitaria, 1969.
- AAVV. *Signos de Liberación: testimonios de la Iglesia en América Latina (1969-1973)*. Lima, CEP (Centro de Estudios y Publicaciones), 1973.
- AAVV. *Signos de Lucha y Esperanza: testimonios de la Iglesia en América Latina (1973-1978)*. Lima, CEP (Centro de Estudios y Publicaciones), 1978.
- AAVV. *Signos de Vida y Fidelidad: testimonios de la Iglesia en América Latina (1978-1982)*. Lima, CEP (Centro de Estudios y Publicaciones), 1983
- AAVV. *Signos de Nueva Evangelización: testimonios de la Iglesia en América Latina (1983-1987)*. Lima, CEP (Centro de Estudios y Publicaciones), 1988.
- AAVV. *Signos de Identidad Solidaria: testimonios de la Iglesia en América Latina (1988-1992)*. Lima, CEP (Centro de Estudios y Publicaciones), 1993.
- AAVV. *O diálogo missionário nos tempos atuais*. Lisboa, Livraria Moraes
- ANGELELLI, Enrique A.. *Encuentro y Mensaje*. Poemas. Buenos Aires, Pátria Grande, 1976.
- ANGELELLI, Enrique. “Oración de mi sacerdocio” y “Despedida en nombre de los sacerdotes” (6.8.76). Em: AAVV., *Signos de Lucha y Esperanza: testimonios de la Iglesia en América Latina (1973-1978)*. Lima, CEP (Centro de Estudios y Publicaciones), 1978, p. 250-252.
- CÂMARA, D. Helder. *O Deserto é fértil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975.

- CÂMARA, D. Helder. *Revolução dentro da paz*. Rio de Janeiro, Sabiá, 1968.
- FRAGOSO, A. Batista. *O rosto de uma Igreja*. São Paulo, Loyola, 1982.
- FRAGOSO, Antonio. *Evangelho e problemática social*. Porto, A. Ferreira, s.d.
- PROAÑO, L.. *El profeta del pueblo*. Quito, Estuardo Gallegos, 1992.
- PROAÑO, L. Cuaresma y Conversion. Programa radial de Mons. Leonidas Proaño (Conferencia del obispo de Riobamba, 10.3.72). Em AAVV. *Signos de Liberación: testimonios de la Iglesia en América Latina (1969-1973)*. Lima, CEP (Centro de Estudios y Publicaciones), 1973, p. 269-274
- SUENENS, L.-J. e CÂMARA, Helder. *Renovação no Espírito e serviço ao homem*. São Paulo: Paulinas, 1979.

Antonio S. BOGAZ e Márcio A. COUTO
Professores de Introdução à Teologia
Instituto Teológico São Paulo
Seminário realizado no segundo semestre de 1997,
1 Ano de Teologia